

EVOCAÇÃO DA TRAGÉDIA MARÍTIMA DE 27 DE FEVEREIRO DE 1892

MEMÓRIA COLECTIVA QUE O TEMPO NÃO APAGOU

Por MANUEL LOPES

Data alguma entre as mais impressivas e demarcantes da história local – **Outorgação dos Forais, Dionisino e Manuelino** (9.Março.1308/25.Nov.1514); **Criação da Comarca** (16.Junho.1875) e **Elevação da Póvoa a Cidade** (16.Junho.1973) – sobrevive, inteira e nítida, na memória colectiva da comunidade poveira. E mais sumidos e enevoados são ainda os rastos das balizas cronológicas respeitantes às biografias dos nossos homens mais ilustres!

Data imperecível, como que gravada a fogo vivo na **memória poveira**, só esta: **27 de Fevereiro de 1892**. Quase sempre referido sem a menção do ano, que bem basta o dia e o mês aziago para reacender a angústia de uma tragédia que vestiu de longo e pesado luto a nossa colmeia piscatória.

Um doloroso acontecimento que foi tecendo, geração em geração, um profundo sentimento trágico e um consciente e respeitoso temor pelo Mar amado, ainda hoje presente na memória e nas vivências quotidianas dos nossos pescadores.

Evocação gerada por múltiplas reminiscências onde o tempo vivido e os testemunhos herdados e transmitidos por tradição assumem um carácter mítico, que a imaginação e a realidade confrontam e transfiguram.

Numa sociedade desta natureza, onde tudo parece ter mudado e movido ao longo de algumas décadas, o passado persiste através de certas práticas fundamentais (processos de interacção social) – **cooperação e a troca, a solidariedade, o culto dos mortos - e de um sistema de pensamento que permanece, em qualquer momento, igual a si próprio. Tais comportamentos colectivos, produzidos graças às “memória do homem”, têm como objectivo consolidar o grupo mas, cada vez mais, a sua função é a de ligar de novo o presente ao passado (...). A memória colectiva actua segundo um movimento cíclico que tende constantemente a reencontrar a permanência, recriar o imutável e o imemorial e construir, deste modo, a sua própria duração** (Françoise Zonabend, 1980).

A evocação da **Tragédia Marítima de 27 de Fevereiro de 1892** tem cruzado a escrita de **Alberto Pimentel**, 1892-1893; **Bento Martins**, 1892; **Augusto Forjaz**, 1892; **João Huss**, 1892; **Joaquim Alves Mateus**, 1892; **Afonso Soares**, 1893; **Santos Graça**, 1932/1952; **Viriato Barbosa**, 1973; **José de Azevedo**, 1972; **Óscar Figueiro**, 1987. Um trabalho de investigação e registo sistemático do que foi este trágico sucesso pode e deve fazer-se em altura própria e oportuna. Tentaremos aqui, através do texto e da imagem, reavivar e redescobrir os sedimentos constituídos pela documentação histórica e literária, cultura e tradições culturais que, passado um século, suportam e alimentam ainda a nossa memória colectiva.

Neste contexto, uma das narrativas mais expressivas, pelo recorte literário e pela contensão e equilíbrio rítmico das palavras, deve-se a **Santos Graça**, em 1952, quando descreve o dramático desaparecimento de **mestre João Praga**, morte por inibição que, tal como a de **José Rodrigues Maio**, o “**Cego do Maio**”, aguardam o interesse dos investigadores da nossa etnopsiquiatria.

A **Tragédia de 27 de Fevereiro** nem sequer é individualizada por **Santos Graça** na sua “**Epopéia dos Humildes**”. Refere-se apenas na introdução, mas é tamanha a força de tão pungente lembrança que os poucos parágrafos que escreveu constituem uma das páginas mais comoventes dessa inolvidável **História Trágico-Marítima dos Poveiros**.(...)

LOPES, Manuel – Evocação da tragédia marítima de 27 de Fevereiro de 1892. **Póvoa de Varzim Boletim Cultural**. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, Vol. XXIX, nºs 1 e 2 (1992). 35 p. Separata.

A TRAGÉDIA DO DIA 27 DE FEVEREIRO DE 1892

Por A. SANTOS GRAÇA

A tragédia de 27 de Fevereiro de 1892, fez mergulhar em negro o garrido trajar poveiro. Não houve lar onde não entrasse o luto. Heroicidade, abnegação, de tudo houve nesse dia de angústia! A tempestade surpreendeu as lanchas no mar da **Cartola** a sudoeste de Aveiro. Duas lanchas, a do **tio Praga** e a do **tio Jéque**, caminhavam a par, apenas com uma **latina**, a caminho do norte. Tinham que seguir como Deus fosse servido, porque não havia força humana que as pudesse desviar do seu curso tempestuoso. Sem um minuto de descanso, os homens das companhas esforçavam-se para deitar fora a água, que as vagas alterosas teimavam em atirar para dentro das embarcações. Os mestres eram compadres e amigos. As companhas afoitavam-se mutuamente para não esmorecerem. Mas uma – a do mestre Jéque – pelas alturas de Esposende, encheu-se de água e soçobra; a outra tenta, mas não pode acudir-lhe. É o mestre da que naufraga que grita:

– “**Não tentes o socorro, compadre, que morreis todos. Deus te guie e leve a salvamento! Leva o último adeus para as nossas mulheres e nossos filhos! Até à eternidade, compadre!**”

O velho mestre João Praga levantou a mão num gesto de despedida mas não respondeu. Duas lágrimas rolaram-lhe pela face – mas ninguém mais lhe ouviu uma palavra. Leme bem firme, todo o dia e toda a noite até ao alvorecer do dia seguinte, em que entrou em Vila Garcia, na Espanha. Salvou a companha. Dois dias depois chegava à Póvoa, de comboio. Após a tragédia nunca mais comeu, nunca mais falou. Oito dias depois da sua chegada – morria! A Grande dor de não poder salvar – matou-o!...

GRAÇA, António dos Santos – **Epopéia dos Humildes: para a história trágico-marítima dos poveiros**. 2ª Edição integral. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 2005. Pp. 8-9. (Na linha do horizonte – biblioteca poveira; 10). ISBN 972-9146-35-7.

Biblioteca Municipal Rocha Peixoto
Rua Padre Afonso Soares
4490-664 Póvoa de Varzim
Telefone: +351 252 616 000 / Fax: +351 252 617 069
E-mail: biblioteca@cm-pvarzim.pt
Website: <http://www.cm-pvarzim.pt/biblioteca>

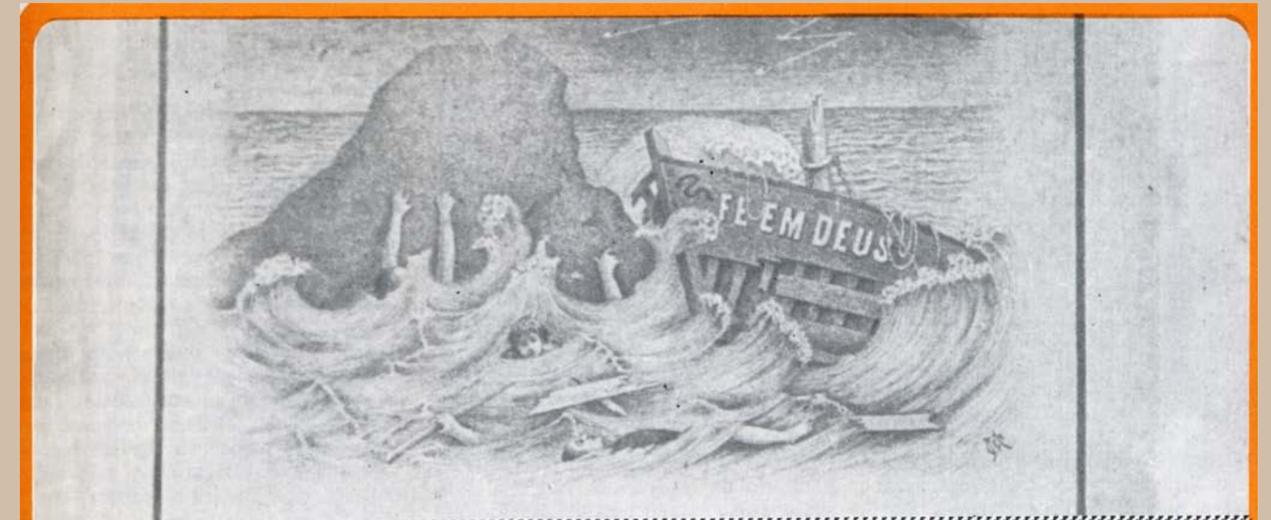
Ficha Técnica:
Coordenação editorial: Manuel Costa
Pesquisa: Fernanda Trovão
Grafismo: Joana Santos



NAUFRÁGIO

27 DE FEVEREIRO DE 1892

Póvoa de Varzim e Vilagarcía de Arousa unidas na evocação da tragédia



SUPPLICA

NO DIA 27 DE FEVEREIRO, 1892

UM medonho e terrível temporal se desencadeou na nossa costa, apanhando toda a pescaria da **POVOA DE VARZIM** no meio do mar, e, accossando-a ceitou 105 pescadores que a dois passos da terra morreram no meio das vagas encapelladas e cyclopias. **Pede-se ás almas boas e generosas que, pelo eterno descanso DAS ALMAS D'ESSES POBRES MARTYRES do trabalho, rezem um PADRE NOSSO E AVE-MARIA para que ellas peçam a Deus Nosso Senhor por todas aquellas caritativas pessoas que de tão boa vontade deram suas esmolas para suavizar os horrores da fome e da miseria, a viuvez e a orphandade desprotegida.**

Ficou a Póvoa de luto,
Pelo horror da tempestade,
Mas caiu do ceu um fructo,
Balsamo e Amor—CARIDADE!

Quando a gente, suspirosa,
Chorava com tanta dor,
Bemdzia, lacrimosa,
Esse fructo do Senhor.

Que Jesus cubra de bençãos
Quem suas esmolas deu;
E a todos esses christãos,
Lhes dé um lugar no céu.

G. A. Landolt

A Voz da Póvoa. José de Azevedo, dir. Póvoa de Varzim: SOPETE, Ano V, nº193 (28 Feb 1985), capa.

